

O QUADRO DOS PRONOMES PESSOAIS: DESCOMPASSO ENTRE PESQUISA E ENSINO

Célia Regina dos Santos Lopes
(UFRJ/CNPq)

RESUMO

Este trabalho visa discutir a contribuição da pesquisa científica para o ensino do português. Analisou-se o quadro de pronomes pessoais apresentado em 14 livros didáticos de português utilizados no ensino fundamental e médio. Com base em resultados de pesquisa, identificaram-se os seguintes problemas no material didático: (i) as formas pronominais *você, vocês* e *a gente* que são usuais no português brasileiro não constam do rol de pronomes pessoais; (ii) a correlação entre as formas tratamentais do paradigma de *tu* e de *você* ainda é condenada pelos autores dos manuais didáticos e vista negativamente como “mistura de tratamento”.

PALAVRAS-CHAVE: mistura de tratamento, pronomes pessoais, ensino de português

1. Apresentação

Proponho, neste artigo, discutir a ausência de uma correlação entre a descrição linguística e o ensino de língua materna tendo por base um dos fenômenos do português brasileiro que mais sofreu mudanças nos últimos 200 anos: o quadro pronominal. A produção bibliográfica sobre o tema reúne quase uma centena de trabalhos sob diferentes perspectivas, mas muito pouco foi aproveitado em termos descritivos nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos utilizados no ensino de língua portuguesa no Brasil.

O sistema tradicional de pronomes pessoais constituído pelas formas *eu, tu, ele(a), nós, vós* e *eles(as)* ainda vigora na maior parte dos manuais didáticos e gramáticas brasileiras, aparecendo as novas pronos-

minais você/vocês e a gente, consagradas pelo uso, em notas de rodapé ou comentários adicionais. As referências mais comuns aos novos pronomes estão relacionadas à linguagem coloquial.

A pouca importância dada a essas formas se evidencia na falta de coerência entre o que os próprios gramáticos afirmam em suas descrições e classificações.

Em Cunha e Cintra (1985, p. 288), a gente, por exemplo, não aparece no quadro de pronomes e consta entre as “fórmulas de representação da primeira pessoa”. Em Bechara (1999, p. 166), tal forma é citada separadamente no tópico “observações”. O autor afirma: “o substantivo gente, precedido do artigo a e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome”. O autor desconsidera que houve a gramaticalização de nome a pronome nesse caso.

No caso de você também há divergências entre os autores. A maioria o considera como pronome de tratamento (cf. ALMEIDA, 1980, p.170-178; CUNHA e CINTRA, 1985, p. 282-284) e LUFT, 1985, p. 116-117). Bechara (1999, p.165) enquadra você no tópico “Forma substantiva de tratamento ou forma pronominal de tratamento”. Luft (1985, p. 116-117) apresenta uma designação alternativa de “pronome de segunda pessoa indireta” e apenas Rocha Lima (1984, p.98-101) inclui tal forma ao lado de tu como pronome pessoal.

Há várias questões aqui envolvidas na descrição dos pronomes: você e a gente. Os mais reticentes diriam que a substituição de tu por você não se efetivou completamente na língua, uma vez que o pronome tu é mais comum em Portugal e ainda é empregado em algumas partes do Brasil como tratamento predominante ou em variação com você¹. No caso das formas nós e a gente, um argumento semelhante poderá ser utilizado para defender que a substituição também não se generalizou, uma vez que o pronome nós é ainda empregado “em textos mais formais”. A mesma linha argumentativa, no viés da variação, não pode ser adotada se for levado em conta o emprego de vós. Trata-se de maneira inequívoca de um pronome arcaizante que se faz presente apenas nos textos bíblicos lidos em templos religiosos. Até mesmo em Portugal, o uso de vocês é mais amplo. Por que motivo uma forma categoricamente em desuso, desde o século XIX, como é o caso do pronome vós, aparece no rol de pronomes pessoais e a forma efetivamente empregada como 2ª pessoa do plural (vocês) não é elencada? Por que você é considerado pronome de tratamento e tu não recebe a mesma designação se ambos

são empregados em contextos interlocutivos a depender da região brasileira? Nas localidades em que você é categórico no Brasil, como São Paulo, a maior parte de Minas Gerais e Espírito Santo, não haveria “pronomes pessoais” de segunda pessoa, apenas o “pronomes de tratamento” você?

A urgência na revisão desses aspectos não se limita aos pronomes pessoais. Sem considerar que a inserção das novas pronominais você e a gente causou repercussões no sistema de possessivos, nos pronomes-complemento (os pronomes oblíquos átonos), na formação do imperativo e na conjugação verbal, alguns compêndios condenam a correlação de a gente com formas do antigo paradigma de nós (nosso) e de você com formas do paradigma de tu (te, teu, etc). A maioria dos manuais, como discutido na próxima seção, rotula como “falta de uniformidade de tratamento” frases do tipo “Se você precisar, vou te ajudar” (CIPRO NETO; ULISSES, 2008, p. 284)

Com o intuito de explicitar a necessidade de revisão da maneira como as gramáticas tradicionais e, conseqüentemente, os livros didáticos apresentam o sistema pronominal do português, serão apresentados resultados parciais de alguns estudos feitos com corpora diversificados sejam sincrônicos e diacrônicos. Desse modo, o artigo está estruturado em 3 seções. Na seção 2, a seguir, serão comentadas as descrições feitas sobre o quadro pronominal em 14 livros didáticos de língua portuguesa utilizados na rede de ensino fundamental e médio. A partir da identificação de alguns problemas detectados e discutidos em 2.1 e 2.2, respectivamente, mostrarei resultados de pesquisas sobre o tema na seção 3. Em 3.1, apresentarei o percurso diacrônico feito por Machado (2011) com base em amostras teatrais escritas por autores brasileiros dos séculos XIX e XX. Depois, com base em cartas pessoais produzidas por brasileiros no decorrer do século XX, ratificarei que comportamento similar pode ser observado em textos de outro gênero: as cartas pessoais analisadas por Souza (2012). Em 3.2, apresentarei alguns resultados relativos às formas de segunda pessoa como complementos verbais, evidenciando que a correlação de você com formas do paradigma de tu e vice-versa não pode ser considerada uma novidade, um uso coloquial ou uma “mistura de tratamento”. Trata-se de um quadro pronominal suplementar que foi se constituindo desde o século XVIII. Para terminar, serão apresentados, em 3.3, alguns resultados relativos à substituição de nós por a gente na posição de sujeito em algumas capitais brasileiras. Na seção 4, serão feitas as considerações finais e, na seqüência, relaciono as referências bibliográficas.

2. Os livros didáticos de português: ensino médio e fundamental

2.1 - O que a escola ensina sobre os pronomes pessoais?

Um breve levantamento feito a partir de livros didáticos de português aprovados pelo MEC e utilizados na rede de ensino fundamental e médio mostra que os manuais adotados em nossas escolas adotam uma postura bastante conservadora e, às vezes, incoerente na apresentação do quadro pronominal como sintetiza a tabela 1. Os livros, em sua maioria, repetem o leque tradicional – eu, tu, ele, nós, vós, eles – (quadro 1), deixando a forma você no rol de pronomes de tratamento que são comentados separadamente. A forma a gente aparece sempre nos comentários adicionais ou em exercícios e não é incluída no quadro de pronomes (quadro 1 ou 2 da tabela 1). O pronome você, por sua vez, pode eventualmente ocorrer ao lado de tu (quadro 2), embora tal fato seja mais raro com vocês. Na tabela 1, a seguir, apresento uma síntese do que foi observado em seis livros do ensino fundamental e oito do ensino médio analisados:

Ensino de português		Quadro 1	Quadro 2	Informações adicionais:			
N Í V E L	Obras Didáticas (Por autor)	Eu	Eu	Crítica à Mistura de tratamento	Comentários sobre a gente	Comentários sobre você/vocês	
		Tu	Tu/Você				
		Ele	Ele				
		Nós	Nós				
		Vós	Vós				
		Eles	Eles				
F U N D A M E N T A L	BORGATO <i>et al</i> (2010)	✓		✓	✓	✓	
	CEREJA (2010)	✓		✓	✓	✓	
	COSTA <i>et al</i> (2010); DISCINI; TEIXEIRA (2010); SOUZA; CAVÉQUILA (2005)	✓		✓		✓	
	DELMANTO; CASTRO (2010)	✓	✓	✓	✓	✓	
				Vós/vocês ²			
M É D I O	BARRETO (2010, p. 235)	✓			✓	✓	
	INFANTE (2000, p. 380-383)	✓		✓ (p. 382)	✓ (p. 383)	✓	
	CIPRO NETO; ULISSES (2008, p. 280-284)	✓		✓	✓	✓	
	FARACO <i>et al</i> (2011, p. 134-142)	✓		✓ (p. 138-139)		✓	
	MAIA (2008, p. 268)		✓		✓	✓	
	AMARAL <i>et al</i> (2005, p. 142-149)		✓	✓			
	NICOLA (2008, p. 78, 89)	✓ (p. 78)	✓ (p. 89)				
	ABAURRE <i>et al</i> , 2010 [2008]	✓ (p. 348)	✓ (p. 346) ³		✓	✓	

Tabela 1: Levantamento feito em livros didáticos sobre o quadro pronominal vigente

Nesse breve levantamento, nota-se que a maioria dos livros didáticos (12 dos 14 analisados) apresenta o quadro tradicional de pronomes pessoais, deixando de fora o pronome *vocês* que já substituiu o arcaico *vós* de maneira inequívoca e excluindo as formas variantes consagradas pelo uso (*você* e *a gente*). Seguindo o mesmo modelo das gramáticas mais conservadoras, os manuais mencionam os pronomes *você-vocês* e, eventualmente, *a gente* nos comentários ou observações adicionais, relacionando-os sempre ao uso coloquial, registro informal ou uso não-padrão, como será discutido adiante. Tal descrição é praticamente unânime nos manuais didáticos do ensino fundamental levantados (5 dos 6 livros). Alguns materiais apresentam dois quadros como indicado na tabela 1 (DELMANTO; CASTRO, 2010; NICOLA, 2008; ABAURRE et al, 2010) e outros, como é o caso de Maia (2008) e Amaral et al (2005), de certa forma, respeitam a diversidade brasileira incluindo *você* ao lado de *tu* como pronome pessoal de segunda pessoa do singular. Algumas impropriedades detectadas serão discutidas na seção (2.2): (A) os pronomes *você* e *vocês* não constam do leque de pronomes pessoais; (B) o pronome *você* é considerado como pronome de tratamento e *tu* é apenas considerado como pronome pessoal; (C) a “falta de uniformidade tratamental” é vista como traço popular ou coloquial; (D) o pronome *a gente* nunca aparece entre os pronomes pessoais.

2.2 - Discussão dos problemas nos livros didáticos

(A) A maioria dos manuais não inclui *você* e *vocês* no rol de pronomes pessoais, com exceção de Delmanto e Castro (2010). Nos comentários adicionais, entretanto, os livros didáticos reconhecem, como Barreto (2010, p.236), que “grande parte dos falantes do português brasileiro utiliza as formas *você* e *vocês* – derivada da forma arcaica *vossa mercê* – no lugar das formas *tu* e *vós*, como pronomes pessoais”. Cipro Neto e Ulisses (2008, p. 283) vão nessa mesma direção ao afirmarem que “*você* e *vocês* são largamente empregados no português do Brasil, praticamente substituindo as formas *tu* e *vós*”. Ora, se tais pronomes já substituíram as formas mais antigas, principalmente *vocês*, por que esses mesmos autores não os incluem na lista de pronomes pessoais no momento em que apresentam o tema ao aluno? Se é de uso generalizado, o pronome *vocês* deveria estar inserido na lista de pronomes como pronome de referência à segunda pessoa do plural no Brasil, constando *vós* apenas nos comentários adicionais como uma estratégia arcaizante encontrada em alguns textos antigos.

(B) Outro fato que causa estranheza diz respeito ao enquadramento do pronome você na lista de formas de tratamento pelo fato de “a concordância com o verbo se estabelecer com a 3ª pessoa verbal”. Diferentemente de vocês que suplantou vós em todo o Brasil, a questão de você e tu segue uma forte distribuição regional, como diversos estudos já demonstraram. Apesar de não incluírem você no elenco de pronomes pessoais, autores de livros didáticos, como é o caso da obra de Faraco et al (2011, p. 134), afirmam que “No Brasil, o pronome tu, conforme já vimos, tem emprego mais restrito que você”. Mesmo reconhecendo que o emprego de você é mais geral, tal pronome apareceu ao lado de tu em apenas cinco livros dos 14 analisados.

Em recentes levantamentos feitos por Scherre et al. (2009), sintetizados em Lopes e Cavalcante (2011, p. 39) no quadro a seguir, fica comprovada a generalização de você no português do Brasil, seja em variação com tu, seja como forma exclusiva em quatro das cinco regiões brasileiras:

Subsistema/Região	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Nordeste	Norte
(1) Você	Você	Você	Você	Você	
(2) Tu			Tu	Tu	Tu
(3) Você/Tu	Você/Tu (DF)	Você/Tu	Você/Tu	Você/Tu	Você/Tu

Fonte: Lopes e Cavalcante (2011, p. 39)

Se em algumas localidades se usa apenas tu e em outras foi detectado um sistema variável entre as duas estratégias de segunda pessoa do singular (tu/você), parece incoerente considerar apenas você como pronome de tratamento. Os trabalhos sobre o tema têm demonstrado que, nas áreas em que empregam as duas formas (você e tu), a escolha não é aleatória, mas dependente de fatores sócio-pragmáticos. Lopes e Cavalcante (2011, p. 40) mostraram “forte favorecimento de tu em atos diretivos, contexto determinado, situações mais solidárias e íntimas na fala de jovens do sexo masculino (...) A maior neutralidade, o caráter menos invasivo e o contexto indeterminado seriam os contextos favorecedores ao emprego da forma você”.

As duas formas podem ser utilizadas em várias partes do Brasil, logo ambas são pronomes pessoais e/ou formas tratamentais a depender do subsistema vigente: (1) só você; (2) só tu; (3) você/tu.

(3) O terceiro problema detectado refere-se à questão da chamada

“mistura de tratamento” presente em todos os seis manuais do ensino fundamental observados e em quatro obras do ensino médio.

Em geral há uma seção específica para o tema “Uniformidade de tratamento” e os autores defendem que no “padrão formal culto, não ocorre a mistura dos tratamentos tu e você, como ocorre com frequência, no Brasil, na língua oral cotidiana. No padrão formal, não ocorrem frases como: Se você precisar, vou te ajudar. Em seu lugar, registram-se construções com tratamento uniforme” (CIPRO NETO; ULISSES, 2008, p. 284).

Em Amaral et al (2005, p. 146), também há alusão a esse ajuste gramatical a ser feito entre os pronomes. Aqui os autores estabelecem inclusive uma oposição entre o padrão culto e a língua coloquial com os seguintes exemplos:

“Concordo contigo, por isso te apoiei na reunião (padrão culto)”

“Concordo com você, por isso o apoiei na reunião (padrão culto)”

“Concordo com você, por isso te apoiei na reunião (língua coloquial)”

Quando os autores fazem referência à uniformidade tratamental no “padrão formal culto” ou “variedade culta da língua”, parecem desconsiderar um fato primordial: os pronomes tu e você são empregados prioritariamente no trato pessoal (íntimo ou neutro) em situações dialógicas específicas (orais e escritas), por isso os contrapontos formal vs. informal, culto vs. coloquial não são pertinentes ou não se aplicam nesse caso. Vejamos alguns exemplos.

A correlação entre as formas dos dois paradigmas (de tu e de você) ocorre de maneira bastante generalizada desde, pelo menos, o século XVIII. Nas cartas escritas pelo 2º Marquês do Lavradio (português ilustre e vice-rei do Brasil nos idos de 1769-76) que foram editadas e analisadas em Marcotulio (2010, p. 119) já se identificava essa combinação de formas dos dois paradigmas: você, tens e te sublinhados em (1) e tu debes, te, satisfizeres, você em (2):

(1) “Agora parece me, que basta Senhor Antonio ese-Voce quer mais Conversa, ouvenha para cá, ou espere, que eu possa estar na sua Companhia. Novamente repito os meus agradecimentos, por todoz osbeneficioz, que tens feito, aos que tetem prezenteado Carta minha.” (Carta do Marquês do Lavradio destinada a Dom Antonio de Noronha, governador de Minas Gerais, em 12/05/1776)

(2) “Eu continuõ anão te poder escrever mais largamente; pôrem

como tu medeves resposta dehuã grande Carta que te escrevi, quando Satisfizeres esta divida: eu mefarei novamente devedor. Fique você embora com ósseo Sigarro emquanto eu cá vou uzando da minha agoá fria” (Carta do Marquês do Lavradio destinada a Dom Antonio de Noronha, governador de Minas Gerais, em 26/11/1775)⁴

Será possível considerar que o vice-rei de Portugal no Brasil escrevendo para o Governador de Minas Gerais era uma pessoa “não culta”? Avançando no tempo, tem-se uma entrevista dada 237 anos depois pelo ex-Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso (FHC). O comportamento linguístico do vice-rei e do político ilustre é semelhante (uso de você correlacionando-se a te). Embora se trate de língua falada, o contexto situacional da entrevista de FHC era bastante formal seja no tratamento senhor empregado pelo entrevistador (Fernando Rodrigues), seja pela temática envolvida na entrevista: política brasileira. É preciso ressaltar que ambos (entrevistador/entrevistado) trajavam terno e gravata durante a gravação no estúdio de TV⁵.

(3) FHC: (...) Se você não dar batalha das ideias, pode ganhar a eleição mas depois você chega lá e o que você faz? Vai ser inconsequente? Não vão te cobrar?

Folha/UOL: O sr. falou ontem a propósito disso, que o seu partido, o PSDB, tem que se aproximar mais dos eleitores e do povo. Como que ele vai fazer isso?

FHC: Deixa-me te dizer o meu pensamento.

Folha/UOL: Isso que eu ia falar para o sr.

FHC: O povo vai pegar nos seus resultados. Não vai pegar nisso aí. Então é nos seus resultados. Agora, você tem que... Você sabe como é o jogo político, de alguma maneira você tem que deixar marcas. Uma é a da incapacidade de te atender.

Como é possível detectar nos trechos da entrevista, FHC usa você ao lado de te como fazia o Marquês do Lavradio. Mesmo em momentos distintos no tempo, ambos só podem ser considerados pessoas cultas e letradas.

A correlação entre as formas dos dois paradigmas (de tu e de você) está consolidada no quadro pronominal e ocorre de maneira bastante generalizada em todas as situações e níveis sociais. A condenação da “mistura de tratamento” presente nos manuais didáticos é improce-

dente por desconsiderar um pressuposto elementar dos pronomes pessoais (ou de tratamento): seu caráter eminentemente interlocutivo. O seu uso está condicionado a situações dialógicas e, obviamente, os pronomes *você* e *tu* não aparecerão em qualquer contexto situacional ou mesmo em qualquer texto escrito. Por essa razão os comentários grifados no livro de Borgato et al (2010, p.203) não procedem:

“a gramática normativa aconselha que não se misturem as pessoas gramaticais (*você* e *tu*, por exemplo) em situações de uso formal, principalmente em textos escritos, como textos de caráter científico, relatórios, textos de linguagem jornalística, documentos ou cartas para autores, requerimentos, etc.” (grifo nosso)

O conselho dado no manual é problemático porque formas interlocutivas (*tu* e *você*) não são empregadas em “textos científicos, relatórios, documentos, requerimentos”. As estratégias linguísticas, nesses textos escritos, são de outra natureza (formas de indeterminação do sujeito, voz passiva sintética e analítica, etc). Um requerimento, por exemplo, é uma escrita formulaica que segue um modelo fixo e repetido. Nem o pronome *tu*, nem o pronome *você* seriam possíveis em um texto dessa natureza. No caso da “linguagem jornalística” há de se considerar o tipo de texto jornalístico. A que gênero o livro didático se refere? Em editoriais, anúncios, matérias assinadas, artigos de opinião e notícias também não são empregadas formas de tratamento, embora elas possam estar presentes em crônicas, por exemplo. No caso das “cartas para autores” não se sabe ao certo a que “autor” se refere o livro. As formas pronominais usadas dependem do tipo de carta (pessoal, familiar, amorosa, oficial, etc) e do tipo de relação estabelecida entre o remetente e o destinatário (proximidade/distância; pessoal/impessoal, etc). Em situações de formalidade, em documentos oficiais, por exemplo, as estratégias seriam outras (Vossa Excelência, o Senhor, etc) a depender do caso.

É lamentável que ainda nos deparemos com descrições e prescrições tão anacrônicas. Estudos linguísticos diversos, não só nas cartas setecentistas, mas com base em vasta documentação diacrônica dos séculos XIX e XX⁶, têm demonstrado que essa “uniformidade de tratamento” apreçada nos manuais é um preciosismo artificial que não corresponde à realidade linguística do português desde pelo menos o século XVIII. O paradigma pronominal manteve o *te* complemento⁷ (acusativo “João te viu” e dativo “João te enviou a carta”) ao lado de

formas do paradigma de você (lhe e a/para você) que eram bastante raras no século XIX. O clítico te (o pronome oblíquo átono de 2ª pessoa) é o complemento verbal mais produtivo tanto entre falantes-escreventes que empregam você na posição de sujeito quanto entre os que usam tu.

(4) O último aspecto a ser discutido refere-se ao fato de a gente não aparecer no rol de pronomes em nenhum dos manuais didáticos como forma variante de 1ª pessoa do plural. Nos manuais, as formas você e vocês aparecem eventualmente no quadro de pronomes em cinco dos 14 manuais analisados, mas a forma a gente não é reconhecida como tal. Sua descrição se limita a menções eventuais relacionadas ao uso coloquial como ocorre em Cipro Neto e Ulisses (2008, p. 280-284):

“Na língua coloquial, utiliza-se com frequência a forma a gente como pronome de primeira pessoa do plural, em geral com verbo na terceira pessoa do singular:

Com o tempo, a gente aprende cada coisa!

Na língua formal, essa expressão é substituída por nós”. (CIPRO NETO; ULISSES, 2008, p. 280-284)

Em Barreto (2010, p. 235), a gente é considerada uma “locução”:

“É muito frequente, nos registros informais do português do Brasil, a primeira pessoa do plural ser designada pela locução a gente. Embora denote a primeira pessoa do plural, mantém traços da terceira pessoa do singular” BARRETO (2010, p. 235)

Nesse tópico há dois aspectos interessantes. Embora não seja incluída no quadro pronominal, os estudos linguísticos sobre o tema mostram que, diferentemente da distribuição regional de você e tu, as taxas de uso de a gente são praticamente as mesmas em todas as localidades estudadas no Brasil⁸. Tais índices são bastante altos atingindo percentuais superiores a 70% de frequência como será discutido na seção 3.3 em que são apresentados os resultados de algumas pesquisas científicas.

3. Resultados de pesquisas:

3.1 - Acompanhamento histórico da implementação de você: corpora diferentes e resultados semelhantes (MACHADO, 2011 e SOUZA, 2012)

Machado (2011) realizou um exaustivo estudo das formas de tratamento utilizadas no teatro brasileiro e português do século XIX ao início do XXI. Foram analisados 13.805 dados de formas de tratamento de 2ª pessoa em 29 peças teatrais. Para o período de 1846 a 2003 na amostra brasileira, a autora identificou 4070 dados, na posição de sujeito, das seguintes formas de tratamento: tu, você, vós, Vossa Mercê (e variantes), o/a Senhor(a) e sintagmas nominais (a menina, A Maria, o pai, o doutor, entre outras). A tabela a seguir mostra a distribuição dos dados de sujeito por peça em termos cronológicos:

FT	TU		VOCÊ		VÓS		V.M. (e variantes)		Sr(a).		SN		TT
1846	66/94	70%			07/94	7%			15/94	16%	6/94	7%	94
1857	249/484	51%	44/484	9%			19/484	4%	95/484	20%	77/484	16%	484
1870	jul/38	18%							31/38	82%			38
1870	57/111	51%	7/111	6%			3/111	3%	44/111	40%			111
1896	out/87	12%	7/87	8%					69/87	79%	1/87	1%	87
1908	147/309	48%	13/309	4%					137/309	44%	12/309	4%	309
1918	70/451	15%	190/451	42%	3/453	1%			179/451	40%	9/451	2%	451
1937			167/359	47%					191/359	53%	1/359	0%	359
1952	1/345	0%	164/345	48%					179/345	52%	1/345	0%	345
1962	5/466	1%	391/466	84%					70/466	15%			466
1972			262/354	74%					82/354	23%	10/354	3%	354
1980			534/535	100%					1/535	0%			535
1995			224/293	76%					69/293	24%			293
2003	3/144	2%	106/144	74%					34/144	23%	1/144	1%	144
Total	615/4070	15%	2109/4070	52%	10/4070	0%	22/4070	1%	1196/4070	29%	118/4070	3%	4070

Fonte: Machado (2011, p. 118)

O primeiro aspecto a observar na análise da tabela de Machado (2011) é o decréscimo de tu e a ascensão de você a partir dos anos 30-40 do século passado. Na tabela da autora ainda se nota o emprego de vós se referindo a um único interlocutor aparecendo somente nas peças de fins do século XIX (“Ah, sois o seu assassino? O assassino de minha filha? Ah, não saíreis de minhas mãos!”⁹). O tratamento Vossa Mercê, do mesmo modo, também foi localizado na mesma época. A diversidade encontrada em fins do século XIX se desfaz e a polarização entre o plano de intimidade e de distanciamento fica estabelecida basicamente entre as formas você/tu, para o primeiro, e o/a senhor(a), para o segundo na segunda metade do século XX. Machado (2011, p. 121) destaca inclusive o significativo declínio da frequência de uso de o(a) senhor(a) a partir da obra de 1962. As outras formas nominais foram pouquíssimo produtivas na amostra de peças brasileiras. O gráfico 1, a seguir, reúne

apenas os resultados relativos aos dados de você e tu como sujeito nas peças brasileiras analisadas por Machado (2011):

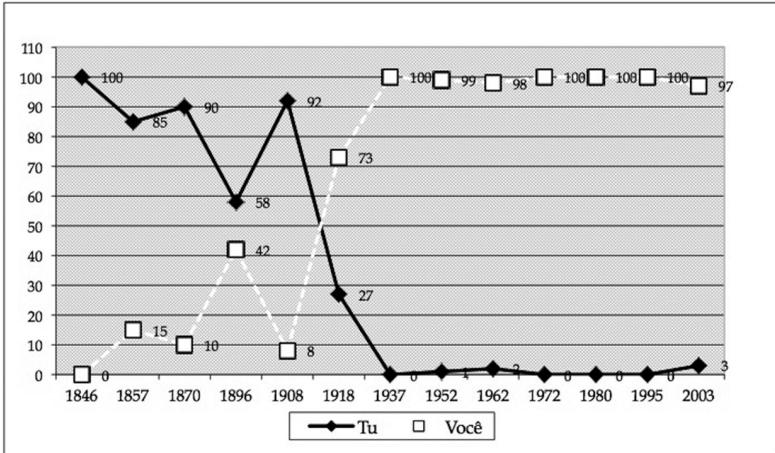


Gráfico 1: Frequência de uso de tu e você em peças teatrais brasileiras (adaptado de Machado, 2011).

O delineamento da inversão de comportamento entre tu e você mostra-se nitidamente no gráfico feito a partir dos resultados de Machado (2011). Os índices de tu são bastante significativos no fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A coexistência entre as duas formas se dá entre 1857 e 1918 com predomínio de tu até 1908. A partir de 1918, entretanto, tal estratégia perde sua supremacia para o pronome você que se torna praticamente categórico a partir da peça de 1937. Na peça teatral de 2003, o pronome tu, por sua vez, volta a aparecer com apenas 2% de frequência de uso. É preciso destacar, entretanto, que nesse caso o pronome tu ocorre combinado a verbos na 3ª pessoa do singular, diferentemente do que ocorria em fins do século XIX e início do XX (Como tu tá gorda! Que loucura!)¹⁰

Resultado bastante semelhante foi encontrado por Souza (2012) em sua análise feita com cartas pessoais escritas por diferentes remetentes em 100 anos de produção escrita. Trata-se de um material de análise bastante amplo e representativo. Foram 354 cartas escritas, entre 1870 e 1970, por pessoas que pertenciam a dez diferentes grupos familiares¹¹.

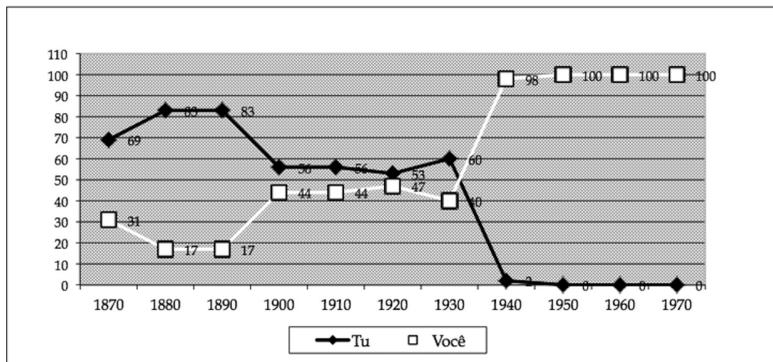


Gráfico 2: Frequência de uso de tu e você em cartas familiares (adaptado de SOUZA, 2012).

Embora os resultados de Souza (2012) obtidos a partir de missivas de brasileiros sejam bastante equivalentes ao que foi observado por Machado (2011) nas peças, o perfil da curva de mudança observado no gráfico 2 é bem mais nítido na amostra de cartas. Souza (2012, p. 90) consegue identificar três fases distintas ao longo dos séculos XIX e XX:

- I) de 1870 a 1890: tu é mais frequente que você;
- II) de 1900 a 1930: tu e você apresentando frequências próximas;
- III) de 1930 a 1970: predomínio de você sobre tu

Como pode ser observado nesses dois estudos feitos com base em textos escritos produzidos por brasileiros nos séculos XIX e XX¹², houve uma mudança em relação ao uso de formas de referência à segunda pessoa do singular que não pode ser minimizada pelo ensino. Não defendendo aqui que o pronome tu deva deixar de fazer parte do quadro pronominal, porque há diversas áreas do Brasil em que tal pronome é usual com concordância baixa ou média¹³ como mostrou Scherre et al (2009). Defendo que o pronome você deva integrar o quadro pronominal como efetiva forma variante de segunda pessoa do singular.

3.2 - “Mistura de tratamento” ou “formação de um novo quadro pronominal”?

Inúmeros estudos realizados com documentação remanescente do século XVIII ao XX¹⁴ demonstraram que a combinação de você com formas do paradigma de tu era bastante regular em cartas e peças teatrais brasileiras do período.

Tendo em vista os limites desse artigo, apresento aqui apenas resultados parciais de Lopes et al (2012) relativos ao Rio de Janeiro, observando a correlação das formas de 2ª pessoa que ocorrem na posição de sujeito (tu e você) com as formas de complemento acusativo¹⁵ (te vi ~ vi você) e dativo (peço-te notícias ~ peço-lhe notícias ~ peço a/para você notícias)¹⁶. Os dados foram levantados em cartas pessoais escritas por algumas famílias ilustres que viveram no Rio de Janeiro (de 1870 a 1937)¹⁷.

Para observar que a dita “mistura de tratamento” é mais antiga do que parecem crer os compêndios gramaticais e livros didáticos, o estudo controlou sobretudo a combinação do sujeito (tu, você ou você~tu) com seus respectivos complementos verbais (objeto direto e objeto indireto, respectivamente, OD e OI) do paradigma de tu ou do paradigma de você. No primeiro caso, têm-se, por exemplo, o clítico te, para ti e, no segundo, os clíticos o, a, lhe e a forma você antecedida por preposição (a e para).

A tabela 2, a seguir, apresenta os resultados dos complementos acusativos referentes às cartas do Rio de Janeiro. Na primeira coluna, consta o pronome tratamento que o remetente utilizava na posição de sujeito. A denominação Tu (exclusivo) indica que o remetente empregou somente tu (nulo ou pleno) como sujeito para se dirigir ao destinatário. A designação Você (exclusivo) refere-se às cartas em que o escrevente utilizou apenas o tratamento você nessa posição. O rótulo Tu/você (misto) significa que remetente ora empregava tu ora utilizava você como sujeito numa mesma carta, como está exemplificado em (4). As colunas subsequentes apresentam as estratégias identificadas como complemento verbal acusativo (OD):

(4) “Tenho tido notícias suas, não tenho escrito porque sei que não Ø tens tempo para responder. Sinto bem você não ter mais calma para fazer o seu trabalho, não se alimentar bem e com socego. Agora você deve estar mais tranquilo e mais contente com a presença de Marieta e filhinhos” (Carta de M. Guilhermina Penna ao filho Affonso Penna Junior, 23/09/1919)

Sujeito/ Acusativo	<i>Te</i>	<i>Você</i>	Ø	<i>Clítico a</i>	Total
<i>Tu</i> (<i>exclusivo</i>)	72 99%	-	-	1 1%	73
<i>Você</i> (<i>exclusivo</i>)	03 75%	01 25%	-	-	04
<i>Tu/você</i> (<i>misto</i>)	82 90%	7 8%	2 2%	-	91
Total	157	08	02	1	168

Tabela 2: Correlação do complemento acusativo (OD) de 2ª pessoa com o sujeito em cartas do Rio de Janeiro (1870- 1937)

A tabela 2 mostra que o complemento de segunda pessoa te era usual independentemente do tratamento utilizado na posição de sujeito: tu, você ou você~tu. O emprego de clítico te acusativo foi quase categórico em cartas que o pronome sujeito era exclusivamente tu. Se a opção do remetente era empregar o pronome sujeito você, identificou-se maior variedade nas formas de complemento acusativo (OD) de segunda pessoa (te, você e objeto nulo ou zero). Quando havia variação de você e tu na posição de sujeito, predominou o clítico te com 90% de frequência, seguido por você com apenas 8% nas cartas das famílias cariocas oitocentistas e novecentistas.

O importante desses resultados, para o que se quer discutir aqui, é observar que o clítico-acusativo te já aparecia combinando-se com tu e você na posição de sujeito nas cartas de fins do século XIX e início do século XX.

Na sequência, têm-se os resultados das formas variantes de complemento dativo (OI) em cartas do Rio de Janeiro:

Sujeito/ Dativo	<i>Te</i>	<i>Lhe</i>	Ø	<i>A você</i>	<i>Para Você</i>	<i>Para ti</i>	Total
<i>Tu</i> (<i>exclusivo</i>)	115 88%	01 1%	05 4%	01 1%	01 1%	07 5%	130
<i>Você</i> (<i>exclusivo</i>)	15 27%	16 29%	17 30%	6 11%	2 4%	--	56
<i>Tu/você</i> (<i>misto</i>)	100 69%	7 5%	21 14%	1 1%	12 8%	5 3%	146
Total	230	24	43	8	15	12	332

Tabela 3: Correlação do complemento dativo (OI) de 2ª pessoa com o sujeito em cartas do Rio de Janeiro (1870- 1937)

As estratégias de complemento dativo (OI) foram bastante variadas, conforme consta na tabela 3. O clítico dativo *te* se mostrou mais frequente novamente nas cartas em que o remetente utilizava *tu* na posição de sujeito (88%) exemplificado em (5) e nas cartas de *você~tu* (69%) em (6). Nas cartas com uso exclusivo de *você* na posição de sujeito, houve um equilíbrio entre as estratégias para expressar o dativo. Nesse caso, a estratégia mais frequente foi o dativo nulo com 30% em (7). Os outros recursos para expressar o dativo de 2ª pessoa apresentaram índices relativamente equivalentes: *te* com 27% e *lhe* com 29% de frequência. Lopes e Cavalcante (2011) defendem que o aumento do *você* na posição de sujeito pode ter favorecido o maior emprego do zero na função dativa. Em cartas mistas (*você* e *tu* como sujeito) o dativo zero também é preponderante como a segunda estratégia mais produtiva:

(5) “Fiquei verdadeiramente satisfeito por saber que já estavas bôa e agradeço-[te] muitíssimo a delicadesa que tiveste para commigo” (Carta de Oswald Cruz a sua noiva, 27-04-1891)

(6) “Peço-[te] pois intenderes com elle esperando que elle [assuma] ao meo pedido, pelo que mui agradecido. Podia tambem escrever a seo Pae, e Doutor João Pinheiro porem entendo não ser necessario só basta que você si interessou” (Carta de Manuel Penna a Affonso Penna Junior, 08/11/1906)

(7) “Agradeço [] essa lembrança e creio que depois que sahi do Rio foi a primeira violeta que vi” (Carta de Cupertino do Amaral, 16/10/187)

3.3 - A substituição de nós por a gente no Brasil

Vianna e Lopes (a sair) fizeram um levantamento dos diferentes estudos sobre a variação *nós* e *a gente*, reunindo os resultados de diversas regiões brasileiras. Embora os resultados não sejam comparáveis pelo fato de terem sido levantados em diferentes décadas do final do século XX, as autoras sintetizaram algumas conclusões pormenorizadas. Extraio do trabalho o gráfico 3 que dá uma ideia do que ocorre em algumas capitais brasileiras com falantes com nível superior (cultos) e nível fundamental e médio (não-cultos):

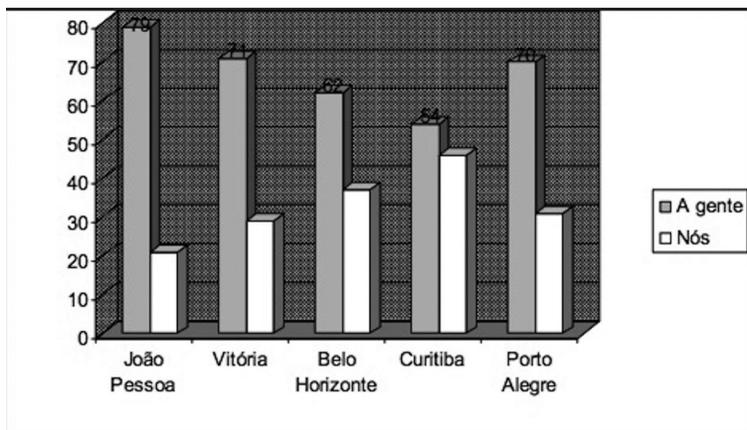


Gráfico 3: A distribuição de nós e a gente em capitais brasileiras entre falantes cultos e não-cultos. Fonte: ¹⁸Vianna e Lopes (a sair)

Com exceção de Curitiba (54%), na outra capital da região sul (Porto Alegre) e nas demais regiões (sudeste – representada por Vitória e Belo Horizonte) – (nordeste – representada por João Pessoa –, os índices de a gente apresentam índices superiores a 60% de frequência de uso.

No Rio de Janeiro, representado no gráfico 4, têm-se, separadamente, os resultados dos estudos feitos com falantes cultos (Lopes, 1993; 2003) e não-cultos (OMENA, 1986, 2003) em décadas diferentes do fim do século XX:

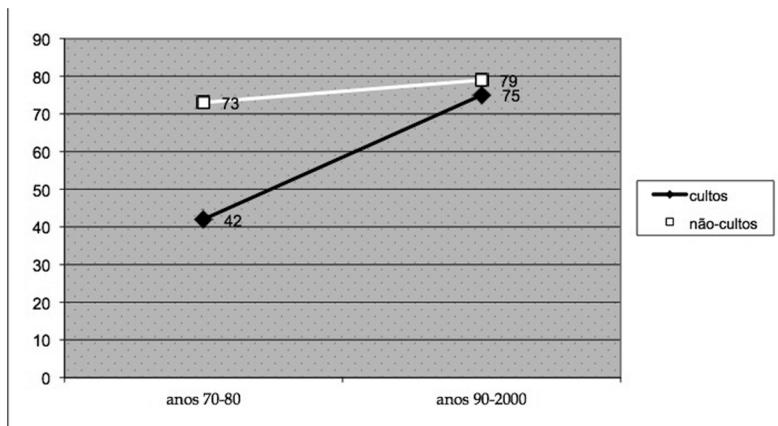


Gráfico 4: Uso de a gente em tempo real de curta duração: falantes cultos e não-cultos no Rio de Janeiro.¹⁹ Fonte: Vianna e Lopes (a sair)

A análise comparativa que aparece no gráfico 4, extraído de Vianna e Lopes (a sair), elucida a direção da substituição de nós por a gente no Rio de Janeiro. Os falantes cultos apresentavam comportamento linguístico distinto dos não-cultos nas décadas de 70-80. Entretanto, vinte anos depois, os falantes cultos assumem comportamento semelhante ao outro grupo, uma vez que as frequências de uso de a gente nos anos 90 e nos anos 2000 tornaram-se praticamente as mesmas (75% e 80%). Esses resultados do Rio de Janeiro aliados aos de outras capitais brasileiras evidenciam que o emprego de a gente se generalizou na comunidade, não sendo um traço específico de falantes com pouca escolaridade.

Como observaram Vianna e Lopes (a sair), não há por parte da comunidade linguística brasileira uma avaliação negativa da forma a gente. Por essa razão, tal forma é bastante produtiva também em textos escritos: “Isso ocorre obviamente apenas quando há a reprodução de situações dialógicas ou menor grau de formalidade (textos narrativos, crônicas, publicidade e propaganda, e-mails, etc.). Nos textos veiculados pela mídia eletrônica, extraídos dos jornais ou dos manuais didáticos, a forma inovadora é bastante recorrente” (VIANNA e LOPES, a sair).

4. Considerações finais

A simples transposição de um quadro pronominal arcaizante das gramáticas tradicionais para os livros didáticos acabou criando uma incoerência interna nos manuais de português adotados no ensino fundamental e médio. Em uma seção do livro, há um quadro pronominal antigo constituído por formas pouco usuais, no entanto, na parte destinada aos exercícios, aos comentários e às observações aparecem os pronomes pessoais efetivamente reconhecidos e empregados (você, a gente e vocês). No caso da temática abordada, não se pode defender, como se costuma fazer, que o alunado precisa conhecer a “norma padrão ou culta” por duas razões bem simples: pronomes pessoais são empregados nas situações de diálogo, são formas interlocutivas e mesmo os falantes mais cultos utilizam as novas formas e não mais as antigas.

Alguns pronomes do quadro antigo, principalmente o pronome pessoal vós, não fazem mais parte da norma de nenhum falante culto no Brasil. Como afirmei em trabalho anterior (LOPES, 2007, p. 116), não defendo que o pronome vós deixe de ser mencionado em nossos manuais didáticos e gramáticas. Não proponho a mera substituição de um quadro antigo por um novo, porque algumas formas ainda são usuais. Pro-

ponho que cada pronome deva aparecer em seu devido lugar. Os pronomes usuais (você ao lado de tu, a gente ao lado de nós e vocês) devem constar do quadro geral de pronomes pessoais. Ao arcaizante vós cabem os comentários e observações adicionais. Falta, contudo, um pouco de coragem para inverter essa ordem!

ABSTRACT

This work aims to discuss the contribution of scientific research to the teaching of Portuguese. We analyze 14 textbooks of Portuguese used in primary and highschool and show how they describe the personal pronouns. Based on research results, we discuss some problems identified in textbooks: (i) the news pronouns *você* (you.SG.NOM), *vocês* (you.PL.NOM) and *a gente* “the folks” (we.PL.NOM) used in Brazilian Portuguese are not included in the in the list of personal pronouns; (ii) the correlation between the two forms of address *tu* (you.2nd person.SG) and *você* (you.3rd person.SG) is condemned by the authors and considered negatively as “mixing address forms”.

KEY-WORDS: mixing address forms, personal pronouns, teaching Portuguese.

REFERÊNCIAS

- ÁLBAN, M. R. & FREITAS, J. Nós ou A gente? In: Estudos linguísticos e literários, n. 11: 75-89, Salvador: UFBA, 1991.
- ALMEIDA, N. M. de. Gramática metódica da língua portuguesa. São Paulo: Saraiva, 1980.
- BarciA, Lucia Rosado. As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal. Dissertação em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- BECHARA, E. Moderna gramática da língua portuguesa. 37 ed. 14. reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- Berlinck, Rosane. 1996. The Portuguese dative. Em Belle, W & Langendonk, W. (org.) The dative: descriptive studies, vol.1 Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- BORBA, L. R. Alguns aspectos sobre o uso de “nós” e “a gente” em Curitiba. Fragmenta, n. 10: 65-76, UFPR, 1993.
- BORGES, P. R. S. A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. Tese de doutorado em língua portuguesa, Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- CALLOU, D. M. I e LOPES, C. R. dos S.. Contribuições da Sociolinguística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança linguística. Revista do GELNE (UFC). v.5, p.63 - 74, 2004.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUARTE, Inês. 2003. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. Em Maria Helena Mira Mateus et al. 2003. Gramática da língua portuguesa, 5ª ed, Lisboa: Caminho: 275-320.
- FERNANDES, E. A.. Fenômeno variável: nós e a gente. In: Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade, 149 - 156. Demerval da Hora (Org.), João Pessoa, 2004.
- FREITAS, J. Nós e a gente em elocuições formais. In: Estudos Linguísticos e Literários, n. 11: 91-102, Salvador, 1991.
- LAUREANO, D. C. A variação dos pronomes de primeira pessoa do plural na posição de sujeito: nós e a gente. Dissertação de Mestrado em Linguística, Florianópolis: Faculdade de Letras, UFSC, 2003.
- LOPES, C. R. dos S, et al. “A configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro” Mesa-redonda da XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, realizado de 04 a 07/09/2012. Natal: UFRN, 2012

LOPES, C. R. dos S.; CAVALCANTE, S. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Linguística*, Madrid, v.25, p.30-65, 2011. Disponível em: http://www.linguisticafal.org/25_linguistica_030_065.pdf

LOPES, C. R. dos S. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, S. F. & VIEIRA, S.R. (Orgs.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-119.

LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1993.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 6.ed. Porto Alegre / Rio de Janeiro: Globo, 1985.

Machado Ana Carolina Morito. “As formas de tratamento no teatro brasileiro e português dos séculos XIX e XX”. Tese (Letras (Letras Vernáculas)) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sem bolsa. Rio de Janeiro, 2011.

MACHADO, M. S. Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”: variação em dialetos populares do norte fluminense. *Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1995.

MAIA, F. P. S. A variação ‘nós’/‘a gente’ no dialeto mineiro: investigando a transição. *Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2003.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz . *Língua e História: o 2 marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas da escrita no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Ítaca Comunicações, 2010. v. 1. 215p .

MENDES, R. P. S. O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus: um recorte no português popular do interior da Bahia. *Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística*, Salvador, Faculdade de Letras/UFBA, 2007.

MENDONÇA, A. K. “Nós” e “a gente” em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba. *Dissertação de mestrado em Estudos Linguísticos*, Vitória, Centro de Ciências Humanas e Naturais/UFES, 2010.

OMENA, N. P. _____. “A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?”. In: PAIVA, M. C. & DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*, Rio de Janeiro, Contra Capa: 63-80, 2003.

OMENA, N. P. _____. “A referência à primeira pessoa do discurso no plural”. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 183 - 215, 1996.

OMENA, N. P. “A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural”. In: NARO, A. J. et alii: *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Pro-*

- jeto Censo à Educação, Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2:286 – 319, 1986.
- PAREDES SILVA, V. L. . Notícias recentes da presença do pronome tu no quadro de pronomes no português falado no Rio de Janeiro. In: Rebollo Couto, L.; Lopes, Célia R.S.. (Org.). As formas de tratamento em Português e Espanhol. 1ed.Niterói: Editora da UFF, 2011, v. 1, p. 245-262.
- Pedreira Rachel de Oliveira. “O tratamento em cartas amorosas e familiares da família Penna: um estudo diacrônico”. Dissertação (Letras (Letras Vernáculas)) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.
- RAMOS, C. M. A; BEZERRA, J R. M. & ROCHA, M. F. S. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. *SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, 2009.
- ROCHA, F. C. F. A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do português de Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa, Belo Horizonte, Faculdade de Letras/PUC-MG, 2009.
- ROCHA LIMA, C. H. da. Gramática normativa da língua portuguesa; curso médio; prefácio de Serafim da Silva Neto, 25 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- RUMEU, Marcia Cristina de Brito. Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas. Dissertação em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, UFRJ, 2004.
- Rumeu, Marcia Cristina de Brito. A implementação do ‘Você’ no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: Um estudo de painel. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; Nívia Naves Garcia Lucca, Edilene Patrícia Andrade Dias, Carolina Queiroz e Germano Ferreira Martins. 2009. Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro, Comunicação apresentada no II SIMELP, Universidade de Évora.
- SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. *Organon*, v. 14, n.28/29, p. 179-194, 2000.
- SILVA, M. C. de F. O objeto direto anafórico no dialeto rural afrobrasileiro. Dissertação (Mestrado) – UFBA, Salvador, 2004.
- Souza Janaina Pedreira Fernandes de. “Mapeando a entrada do Você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX”. Dissertação (Letras (Letras Vernáculas)) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.
- TAMANINE, A. M. B. _____. Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR. Tese de doutorado em Letras, Curitiba, Centro de Ciências Humanas,

Letras e Artes/UFPR, 2010.

TAMANINE, A. M. B. A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina. Dissertação de mestrado em Letras, Curitiba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/UFPR, 2002.

VIANNA, J. B. S. _____. Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português. Tese de doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2011.

VIANNA, J. B. S. A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2006.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas; LOPES Célia Regina dos Santos. Para um panorama do processo de substituição de nós por a gente no português brasileiro. Em: Abraçado, J. et AL. Português Brasileiro III, Natal (a sair).

ZILLES, A. M. S. _____. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? Letras de Hoje, V. 42, N. 2, p. 27-44, Porto Alegre, 2007.

ZILLES, A. M. S. The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of “a gente” in Brazilian Portuguese. In: Language Variation and Change 17:19-53, 2005.

Manuais didáticos consultados:

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernardete; PONTARRA, Marcela. Português: contexto, interlocução e sentido. São Paulo: Moderna, 2010.

AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, RICARDO; ANTÔNIO, Severino. Novas Palavras: língua portuguesa: ensino médio. São Paulo: FTD, 2005.

BARRETO, Ricardo Gonçalves. Ser Protagonista - Português 2º ano: ensino médio. São Paulo: Edições SM, 2010.

BORGATTO, Ana. BERTIN, Terezinha; MARCHEZI. Tudo é Linguagem. São Paulo: Editora Ática, 2010.

Cereja William Roberto; Magalhães, Thereza Cochar. Português – Linguagens. 6º anos. Rio de Janeiro: Editora Saraiva, 2010.

CIPRO NETO, Pasquale & ULISSES, Infante. Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo: Scipione, 2008.

COSTA, Cibele Lopresti; MARCHETTI, Greta; SOARES, Jairo J. Batista Soares. Para Viver Juntos. 6º ano. São Paulo, Edições SM, 2010.

DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. Português - Ideias e Linguagens. 6º ano. Rio de Janeiro: Editora Saraiva, 2010.

Discini Norma & Teixeira Lucia. Passaporte para a Língua Portuguesa. Volume 1. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 2010.

- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO JR, José Hamilton. Língua portuguesa. Linguagem e Interação. São Paulo: Editora Ática, 2011.
- INFANTE, Ulisses. Textos: leituras e escritas: literatura, língua e redação. São Paulo: Editora Scipione, 2000.
- MAIA, João Domingues. Português (Volume único). São Paulo: Editora Ática, 2008.
- NICOLA, José de. Português: ensino médio, volume 2. São Paulo: Editora Scipione, 2008.
- SOUZA, Cássia Garcia de; CAVÉQUIA, Márcia Paganini. Linguagem - Criação e Interação. 6º ano. Rio de Janeiro: Editora Saraiva, 2005.

NOTAS

¹ Cf. o levantamento de Scherre et al (2009) sobre a distribuição de tu e você no português brasileiro.

² Insere também vocês ao lado de vós quando apresenta a síntese do quadro pronominal.

³ O quadro inclui na segunda pessoa: Tu, você, o senhor, Vossa Excelência no momento em que se explica que os pronomes pessoais são formas dêiticas (p. 346).

⁴ Exemplos extraídos de Marcotulio (2010, p. 118).

⁵ A entrevista faz parte do Programa “Poder e Política” foi realizada no dia 30/11/2012 (Projeto UOL e Folha de São Paulo). Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/poderepolitica/1194856-leia-a-transcricao-da-entrevista-de-fhc-a-folha-e-ao-uol.shtml>

⁶ (cf. BARCIA, 2006; MACHADO, 2011; MARCOTULIO, 2008; PEDREIRA, 2012; RUMEU, 2004 e 2008; SOUZA, 2012; Lopes e Cavalcante, 2011, entre outros).

⁷ A gramática tradicional rotula de pronome oblíquo átono. A denominação “acusativo” corresponde à função de objeto direto e “dativo” ao objeto indireto.

⁸ Omena, 1986, 1996, 2003; Álbán et Freitas, 1991; Freitas, 1991; Borba, 1993; Lopes, 1993; Machado, 1995; Seara, 2000; Laureano, 2003; Maia, 2003; Fernandes, 2004; Silva, 2004; Borges, 2004; Zilles, 2005, 2007; Mendes, 2007; Rocha, 2009; Ramos et al., 2009; Tamanine, 2002, 2010; Mendonça, 2010; Vianna, 2006, 2011; entre outros.

⁹ Exemplo de Machado (2011, p. 107). Fala de Roberto da peça de 1846, Os ciúmes de um pedestre.

¹⁰ Exemplo de Machado (2011, p. 104). Fala de Eliana da peça de 2003, Síndromes.

¹¹ A maior parte das cartas foi recolhida no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (Família Penna, Família Pedreira Ferraz-Magalhães, Família Cupertino, Família Land Avellar, Família Brandão, Cartas de Virgílio Várzea). Há cartas ainda da Família Passos (Museu da República - RJ) e as da Família Cruz (Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz (FIOCRUZ/RJ). Parte das missivas está disponível no site www.lettras.ufrj.br/laborhistorico.

¹² Não serão discutidas, neste artigo, as questões sociais, pragmáticas ou linguísticas que levaram a tal mudança de comportamento linguístico no uso das duas formas. Tais argumentos podem ser observados com detalhes nos trabalhos das autoras citadas e em outros estudos sobre o tema.

¹³ Scherre et al (2009) fizeram um levantamento distribuindo os subsistemas de tratamento tendo em vista: a concordância verbal com tu, a predominância de uma das duas formas (ou tu ou você), a coexistência equilibrada entre as formas (você e tu) e o predomínio quase absoluto de você. No caso da predominância de tu, as autoras identificaram o uso majoritário de tu com índices acima de 70% e concordância verbal baixa (abaixo de 10%) ou média (acima de 40%), nas seguintes regiões/cidades: região Sul (Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja e Pelotas) e em Tefé na região Norte. O uso de Tu com concordância média (acima de 40%) foi identificado na região Sul (Santa Catarina – Florianópolis e Ribeirão da Ilha); na região Nordeste (Maranhão – São Luis); na região Norte (Pará – Belém). Ver síntese em Lopes e Cavalcante (2011, p. 37-39)

¹⁴ Cf. nota 6.

¹⁵ Denomino “acusativo” o pronome oblíquo átono te do paradigma de tu, os clíticos o, a e a forma você quando funcionam como objeto direto em referência à segunda pessoa.

¹⁶ A designação “dativo” é utilizada também para pronomes oblíquos átonos te e lhe, além de outras estratégias preposicionadas que funcionam como objeto indireto. Considera-se como tal o argumento interno de verbos de dois lugares do tipo (S V OI) ou ditransitivos (S V OD OI), exercendo papel semântico de Alvo, Fonte ou Beneficiário com traço [+animado] (Duarte, 2003; Berlinck, 1996).

¹⁷ O corpus está disponível no site do Projeto: www.lettras.ufrj.br/laborhistorico

¹⁸ Extraídos de Fernandes (2004), Mendonça (2010), Rocha (2009), Tamanine (2010) e Zilles (2002).

¹⁹ Dados extraídos de Callou e Lopes (2004, p.8).

Data de recebimento: 15 de março de 2012

Data de aprovação: 20 de junho de 2012